

## ARTESANATO DE RENDA IRLANDESA EM SERGIPE: HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE OFÍCIO

*JANAINA CARDOSO DE MELLO*

Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

*ESTEFANNI PATRICIA SANTOS SILVA*

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

### RESUMO

---

A rendeira integra o imaginário popular brasileiro como artesã de um ofício em finos fios, como guardiã da memória coletiva e de um patrimônio cultural transmitido por gerações. A Renda Irlandesa, considerada um dos produtos artesanais mais requintados de Sergipe, possui destaque em Divina Pastora, mas também é produzida e comercializada em Laranjeiras. Esse artigo tem por objetivo apresentar as histórias de vida e histórias de ofício das rendeiras articulando sua produção cultural com a perspectiva de uma Economia da Cultura que enseje a valorização do patrimônio imaterial local na transmissão do artesanato, mas também o insira nos processos de desenvolvimento das comunidades que sobrevivem dessa tradição. Como método de pesquisa utilizou-se da história oral temática com entrevistas gravadas e filmadas nas comunidades estudadas. Grande parte das artesãs complementa sua renda familiar ou sobrevive da produção artesanal. Assim, o artigo aponta os processos de registro do ofício junto ao Iphan e ao INPI, identificando a necessidade da historicização dos procedimentos de obtenção da Indicação Geográfica (IG) de Divina Pastora e promoção da solicitação de novas IG's para as demais localidades produtoras da renda no estado como forma de valorização comercial.

**PALAVRAS-CHAVE:** renda; artesanato; economia da cultura; patrimônio imaterial.

### ABSTRACT

---

The Lace-Maker integrates the Brazilian popular imagination as an artisan craft in thin wires, as the guardian of the collective memory and cultural heritage passed down for generations. The Irish Income considered one of the most exquisite crafts of Sergipe, has featured in Divina Pastora, but is also produced and marketed in Laranjeiras. This article aims to present the stories of life and craft stories of articulating cultural production lace makers with the perspective of an economy of culture which requires the enhancement of intangible heritage site in the transmission of craft, but also the insert in the processes of development of communities that survive in this tradition. As a method of research used in the thematic oral history with interviews recorded and filmed in the communities studied. Most of the artisans complement its household income or artisanal production survives. Thus, the article points out the craft registration processes by the Iphan and the INPI, identifying the need of historicizing of the procedures for obtaining geographical indication (IG) of Divina Pastora and request promotion of new IG's for the other localities in the State as income-producing form of commercial exploitation.

**KEYWORDS:** income; crafts; economy of culture; intangible heritage.

## Introdução

*Olé, Mulher Rendeira,  
Olé mulhé rendá  
Tu me ensina a fazer renda,  
eu te ensino a namorá.*  
[Mulher Rendeira – Zé do Norte]

A rendeira integra o imaginário popular brasileiro como artesã de um ofício tecido em finos fios, como guardiã da memória coletiva e de um patrimônio cultural transmitido de geração em geração, cuja importância econômica brinca com os sentidos da própria palavra que a configura: renda (ofício)/renda (rendimento/valor financeiro).

Cotidiano de várias mulheres, entrelaçadas nos fios e lacês de seus bordados, essas mulheres, algumas senhoras na terceira idade e outras muito jovens – muitas matriarcas de suas famílias –, buscam o mercado para o atendimento das demandas de consumo estético de outrém, mas também para o provimento de sua sustentabilidade.

A inclusão sócioeconômica dessas mulheres na lógica de mercado pressupõe uma série de medidas que agregue valor e qualidade tanto ao produto que é fruto de seu trabalho, como nas relações de atração do consumidor, negociação e fidelização. Para além de um “fetichismo do objeto patrimonializado”<sup>1</sup>, ao relacionar cultura e economia tornando-a um meio de sobrevivência incentiva-se a continuidade do ofício, das histórias de vida e a transmissão do *savoir faire* de cada artesã para as futuras gerações.

A renda Irlandesa, considerada um dos produtos artesanais mais requintados do estado de Sergipe, possui destaque na cidade de Divina Pastora, situada a 39 km da capital sergipana, Aracaju. Além dessa espacialidade, o artesanato em renda também é desenvolvido na cidade de Laranjeiras, localizada a 18 km de Aracaju. Em outros municípios sergipanos também há a fabricação dessa renda, mas alguns pesquisadores já chegaram a afirmar que Sergipe é o único lugar do mundo onde são elaboradas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Entendendo-se essa expressão como o ato de reduzir o “bem cultural” a um méro produto vendável, mercantilizado, sem todavia conhecer ou dar importância ao seu significado cultural e coletivo, onde o que “sobressai é a relação entre coisas, entre mercadorias e não as relações sociais entre os indivíduos produtores”. VELOSO, Mariza. O Fetiche do Patrimônio. *Revista Habitus*. Goiânia, v.4, n.1, p.437-454, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/363/301>>, Acesso em 04/07/2014, p. 446.

<sup>2</sup> Esta informação encontra-se no: CENTRO DE ARTE E CULTURA de SERGIPE. *Artesanato de Sergipe*. s/d. Todavia, em uma recente tese de doutorado é possível encontrar a seguinte informação: “O ensino da renda irlandesa e de outras técnicas artesanais teve início em Campos dos Goytacazes nas escolas femininas como também em muitas outras do país, a partir do Decreto-Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, mencionado na seção 3.2 e que continuou vigente até a metade do século XX”. In: AMARAL, Jorge Luiz do. *A produção de renda irlandesa e seu aprendizado em Campos dos Goytacazes-RJ*. Dissertação de Mestrado em Museologia e

Na produção da renda sergipana, chama-se atenção para o fato de sua diferenciação em relação à renda renascença, presente principalmente na Bahia e em Pernambuco, onde a base é a fitinha e não o lacê da renda irlandesa. Nesse sentido, o lacê é definido como: um "fítilho espesso e quase cilíndrico, produto mecânico, chamado "lacê princesa", usado na confecção de jabôs, golas, punhos, flores, blusas rendadas, etc"<sup>3</sup>.

Figura 1 – Mapa dos Municípios do Estado de Sergipe (destaque para Divina Pastora e Laranjeiras).



Fonte: Disponível em <<http://www.nctn.crn2.inpe.br/bdne/se/cens/limi/muni.jpg>>. Acesso em: 01/07/2014.

Patrimônio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2011, p. 59.

<sup>3</sup>BECKER, Nair, 1955, p. 27. *Apud* INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Renda Irlandesa – Divina Pastora*. Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3227>>, Acesso em: 18/06/2014, p. 47.

Desse modo, esse artigo tem por objetivo apresentar as histórias de vida e histórias de ofício das rendeiras de Divina Pastora e Laranjeiras, articulando sua produção cultural com a perspectiva de uma Economia da Cultura que enseje a valorização do patrimônio imaterial local na transmissão do artesanato, mas também o insira nos processos de desenvolvimento das comunidades que sobrevivem dessa tradição.

### **Entre fios, rendas e histórias de vida em Divina Pastora-SE**

O município de Divina Pastora possui dois elementos culturais capazes de diferenciá-lo das demais localidades sergipanas: a peregrinação à Virgem Divina Pastora<sup>4</sup> e a produção da Renda Irlandesa, sendo que ambas possuem uma profunda conexão, sobretudo no dia da procissão e na própria relação com a Igreja Matriz.

São as rendas produzidas por várias artesãs locais que adornam o interior da igreja, os altares e a vestimenta dos párocos, uma vez que muitas mulheres dentre as próprias rendeiras participam ativamente de grupos de oração, coordenam as festas religiosas, o roteiro da procissão e vendem seus produtos na mesma praça da igreja, por onde transitam os peregrinos.

Sobre a história da cidade, de acordo com alguns pesquisadores, dentre eles a antropóloga Beatriz Góis Dantas, que têm a renda irlandesa como um dos seus objetos de estudo,

[...] o gado estaria nas origens de Divina Pastora, surgida de um curral com a denominação inicial de Ladeira. Mas foi a atividade açucareira que deixou marcas mais fortes na feição socioeconômicas e cultural do município, até mesmo em sua composição étnica, na qual a presença negra é bem visível<sup>5</sup>.

Assim, com a opulência de uma vida açucareira no Nordeste do Brasil, engenhos foram construídos já tardiamente na região em fins do século XVIII, pois até aquele momento a prioridade das atividades econômicas em Sergipe tinha orbitado em torno da agricultura interiorizada e da criação de gado, abastecendo inclusive o Recôncavo Baiano<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Ressalta-se na construção da identidade local “a devoção a Nossa Senhora da Divina Pastora, originária do espírito pastoril espanhol, cultuada em majestosa igreja edificada entre os séculos XVIII e XIX, tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1943, hoje centro de uma grande peregrinação anual” In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Renda Irlandesa – Divina Pastora*. Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3227>>, Acesso em: 18/06/2014, p. 5.

<sup>5</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Renda de Divina Pastora*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001, p. 13.

<sup>6</sup> AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiuba, 1860-1888*. Tese de Doutorado em História. Salvador: UFBA, 2007, p. 30.

Ao final da primeira metade do século XX, retomou-se em Sergipe a criação intensiva do gado bovino e atualmente ocorre também a exploração do petróleo no município. Nesta região de fortes mudanças exploratórias, são confeccionadas as rendas cujas senhoras e moças ao sentar em suas calçadas, ou mesmo em casa, produzem as rendas em paralelo aos cantos e conversas sobre o cotidiano.

Figura 2 – Rendeira na porta de casa em Divina Pastora – SE.



Fonte: Foto J.C.M (2014).

A peregrinação à Divina Pastora<sup>7</sup> ocorre anualmente no terceiro domingo do mês de outubro, percorrendo um trecho de 9 km entre o município de Riachuelo à espera da Divina Pastora<sup>8</sup>. A cada ano, milhares de pessoas vão pagar suas promessas e/ou fazê-las. Imiscuídos nessa tradição religiosa, os turistas que por ali estão<sup>9</sup> aproveitam para adquirir peças de renda irlandesa ou mesmo apreciá-las. Sendo que as mesmas encontram-se presentes em vestes e são usadas como acessórios compostos por brincos, colares, bolsas e pulseiras, chamando a atenção de quem olha e despertando a curiosidade por um maior contato com o artesanato.

Além destes itens, com a renda são feitas: toalhas de bandeja, marca textos, toalhas de mesa, passadeiras, blusas, vestidos<sup>10</sup> em diversas dimensões e formatos, embora entre elas as mais fabricadas sejam as retangulares, ovais, redondas e quadradas. O modo de fazer consiste, de acordo com Beatriz Dantas, em:

<sup>7</sup> Vários depoimentos e textos ressaltam 1958 como o ano de início da peregrinação, incentivada pelo padre Dom Luciano Duarte.

<sup>8</sup> PROCISSÃO DE DIVINA PASTORA acontece neste fim de semana. *Infonet*. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cidade/ler.asp?id=90894&titulo=cidade>>, Acesso em: 12/11/2011.

<sup>9</sup> São pessoas de diversos municípios do estado de Sergipe, além de peregrinos do estado da Bahia e Alagoas.

<sup>10</sup> Na novela "Cordel Encantado", da Rede Globo TV, a protagonista Princesa Açucena no dia do seu casamento com o Príncipe Felipe, usou um vestido com renda Irlandesa. Este fato, entre as rendeiras, neste caso de Laranjeiras, foi extremamente comentado.

Riscar ou copiar em papel transparente o desenho a ser elaborado. Fixar o papel riscado sobre papel grosso. Alinhar o lacê sobre o risco, acompanhando as formas do desenho. Fixar o papel com o lacê já alinhado em pequena almofada ou travesseiro, procedimento que é mais usual quando se trabalha com peças grandes. Preencher os espaços vazios entre o lacê, utilizando vários pontos que são tecidos com agulha e linha. Separar a renda do papel e do risco sobre os quais foi executada, cortando-se os alinhavos que os prendiam. Limpar a peça de renda, catando-se os fiapos de linha, restos do alinhavo que a ela ficaram presos<sup>11</sup>.

Ao estabelecer o risco, que é o roteiro pelo qual conduz a renda, as rendeiras exploram os contornos, utilizam os clássicos pontos transmitidos por gerações e acrescentam movimentos. Os pontos do bordado são derivados do cotidiano e são nomeados de acordo com experiências de contato, gosto, vivência, e entre eles, estão os denominados: pé-de-galinha, dente-de-jegue, espinha-de-peixe, aranha, boca-de-sapo, abacaxi, cocada, caseado, entre outros. Classificada como "renda de agulha", estando neste processo de registro, listadas duas dezenas de pontos apresentados em mostruário, os quais são nomeados com base na analogia a animais e vegetais que integram o universo das rendeiras<sup>12</sup>.

Figura 3 – Pontos da renda irlandesa em Sergipe.



Fonte: ZACCHI, Marina Sallovitz; CHAGAS, Marta Maria; BARRETO, Rosângela (Prods.). *Renda Irlandesa*: catálogo de produtos da Renda Irlandesa em Sergipe. Aracaju: Iphan-SE, 2014, p. 32.

<sup>11</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Renda de Divina Pastora*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001, p. 23.

<sup>12</sup> RENDA IRLANDESA de Sergipe é Patrimônio Cultural. *Babel das Artes*. Disponível em: <<http://babeldasartes.wordpress.com/2009/03/22/renda-irlandesa-de-sergipe-e-patrimonio-cultural>>, Acesso em: 12/11/2011.

O decreto nº 3.551, de 4 de Agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, no qual constam, entre outros livros, um para o registro dos saberes, “onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”. Assim, nota-se que a sociedade despertou seu olhar para uma dimensão maior com relação aos “modos de fazer”, ao patrimônio imaterial, pois é esta que agrega valor ao bem cultural. E por isso, não se limita somente em comprar a renda ou um ingresso para assistir a apresentação de uma determinada manifestação, mas também em comunicá-lo, registrá-lo e salvaguardá-lo, tendo por opção os espaços culturais<sup>13</sup>.

Para Françoise Choay a concepção de “patrimônio cultural” vincula-se à estruturas familiares, econômicas e jurídicas vivenciadas em comunidade, desse modo:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos<sup>14</sup>.

Em 2000, foi criada a Associação para o Desenvolvimento da Renda de Divina Pastora (Asderen), através do apoio do Programa Artesanato Solidário. Por meio da pesquisa realizada para o processo de registro, foi iniciada uma ação de salvaguarda. Os pesquisadores, com a colaboração da associação, catalogaram 122 rendeiras entre associadas e não-associadas em Divina Pastora e em outras sete localidades. Essas mulheres foram identificadas e apresentaram informações sobre as potencialidades e fragilidades do modo de fazer Renda Irlandesa<sup>15</sup>.

As rendeiras de Divina Pastora são em grande parte mulheres, afro-descendentes, intensamente marcadas pela religiosidade católica, com nível educacional que oscila entre a educação básica e o ensino fundamental, sendo bem restrito o número de artesãs que possuem ensino médio. Essas características estão intimamente ligadas à própria historicidade do local, à economia alicerçada no plantio – quer das plantações açucareiras do passado ou nas usinas do presente, quer na agricultura de subsistência comercializada nas feiras regulares – e no uso de mão de obra africana.

<sup>13</sup> SILVA, Estefanni Patrícia Santos. *A Representação do Imaterial no Museu do Homem Sergipano: Caso dos bordados e rendas*. Trabalho de graduação em Museologia. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe, 2010, p. 5.

<sup>14</sup> CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2006, p. 11.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.cge.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=1118>>, Acessado em: 12/11/2011.

Figura 4 – Sede da Associação para o Desenvolvimento da Renda de Divina Pastora (Asderen)



Fonte: Foto J.C.M (2014).

Em 2008, o Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conferiu o título de "Patrimônio Cultural Imaterial" à renda Irlandesa produzida em Sergipe e o modo de fazer renda irlandesa foi incluído no Livro de Registro dos Saberes. O município surge como principal território da renda irlandesa em função de no local se encontrarem os elementos que culminaram com a apropriação do ofício (vinculado originalmente à aristocracia) por mulheres humildes que reinventaram a técnica, o uso e o sentido deste saber-fazer.<sup>16</sup> Sobre a relação histórica da renda com a cidade, a antropóloga Beatriz Góis Dantas afirmou que:

Os mais eruditos buscam reatar laços com as antigas tradições dos ofícios europeus, vinculando-a as rendas de Milão (Cedran, 1979) ou, mais especificamente, às mudanças que se seguem à Revolução Industrial e ao papel desempenhado por freiras na educação feminina no Brasil, na qual se incluíam rendas e bordados (Maia, 1981)<sup>17</sup>.

Além disto, a autora cita a influência das mulheres aristocráticas dos engenhos que aprendiam no século XIX, a partir das enciclopédias francesas, o bordado da renda irlandesa. Frente a isto, vê-se a introdução deste saber em Divina Pastora.

Esta técnica está descrita em livro do século XIX destinado ao ensino de rendas e bordados, como a *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, no qual Thérèse de Dillmont destaca a

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.cge.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=1118>>, Acessado: 12/11/2011.

<sup>17</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Renda de Divina Pastora*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001, p. 14.

importância da renda irlandesa entre as damas e, com essa denominação, ela descreve o processo de confecção e ensino da renda usando fartamente ilustrações que apóiam o texto e codificam através da escrita um saber secular difundido na Europa (Dillmont, s.d. p.659), saber que é muito semelhante ao que hoje se encontra entre as rendeiras de Divina Pastora<sup>18</sup>.

As precursoras na transmissão do conhecimento da renda às mulheres do município, como relatado pelas rendeiras, advém do início do século XX. Desta forma, provavelmente com o declínio dos engenhos, as senhoras aristocráticas migraram à zona urbana, aproximando-se assim das mulheres pobres no desenvolvimento dos trabalhos de caridade incentivados pela igreja, sendo que também muitas destas mulheres humildes aprenderam o fazer quando trabalhavam nos engenhos.

Em suas pesquisas, Beatriz Góis Dantas apresenta o número de rendeiras na cidade em 2001 quando havia por volta de uma centena de mulheres nas áreas urbana e rural que a confeccionavam, tendo as mesmas muitas reclamações dos poucos ganhos e da falta de mercado<sup>19</sup>.

No entanto, as que possuem o domínio da técnica orgulham-se por possuí-la (sentimento reforçado após o registro do IPHAN), compartilhando suas histórias de vida e histórias de ofício com vizinhos e parentes, que as incentivam a produzi-la.

Em entrevista com Silvanete, uma moça nascida e criada em Divina Pastora, a respeito da renda, a artesã relatou:

Eu desde criança aprendi a fazer a Renda Irlandesa. A minha mãe bordava muito bem. Acho linda só que me falta tempo para bordar. Antigamente eu via muitos enxovais sendo feitos, principalmente de nascimentos e casamentos (informação verbal)<sup>20</sup>.

Entre as rendeiras, está a inesquecível Dona Alzira Alves Santos, uma das mais antigas artesãs de Divina Pastora, membro da Asderen, constantemente citada por aqueles que pesquisam este artesanato. Em entrevista (informação verbal)<sup>21</sup> relatou que aprendeu seu ofício com 10 anos e agora já mãe e avó continua trabalhando, em casa, onde produz até mesmo vestidos de casamento rendados. Revelou também que todo o trabalho é feito pelo avesso, preso em papel manteiga, e depois quando recortado, o bordado que é exposto à admiração é o lado "direito". Mostra-se tranquila quanto ao uso de pontos

<sup>18</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Renda Irlandesa* – Divina Pastora. Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3227>>, Acesso em: 18/06/2014, p. 37.

<sup>19</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Renda de Divina Pastora*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001, p. 17.

<sup>20</sup> SILVANETE. Entrevista I [jul.2011]. Entrevistador: E.P.S.S. Divina Pastora, 2010.

<sup>21</sup> SANTOS, Alzira Alves. Entrevista II [jan.2014]. Entrevistador: J.C.M. Divina Pastora, 2014.

tradicionais e novos, à exemplo do barrete, redinha, cocada, sianinha, aranha de quatro partes, abacaxi, dentre outros.

Outra artesã das antigas tradições é Dona Maria Rute, filha de Divina Pastora, nela nascida e criada, como se autoproclama com grande satisfação. Em entrevista (informação verbal)<sup>22</sup> conta que desde os 10 anos exerce o ofício da renda, tendo agora já 70 anos. É filiada à Asderen e transmitiu para todas as suas quatro filhas o modo de fazer da renda irlandesa. Admitiu que gosta mais de fazer os pontos tradicionais, embora conheça os pontos novos. Sobre o aprendizado das gerações futuras afirmou:

A juventude, nem todas querem ter essa obrigação, porque fica ali sentada, né? Demora muito para aprender, aprender riscar, aprender alinhar e dar os pontos, os pontos são difíceis e elas acham que é complicado e nem todas querem aprender. Mas mesmo assim, ainda tem algumas e no meio de trinta, dez ainda aprendem (informação verbal)<sup>23</sup>.

Em entrevista realizada com Maria Eugênia dos Santos Dorotéria (informação verbal)<sup>24</sup>, que exerce há 54 anos com o ofício da renda irlandesa, relata que leva até 12 meses para concluir uma colcha em renda, sendo necessário que o trabalho de montagem das peças seja executado por quatro pessoas. A artesã é uma das mulheres que atuam fora da Associação, chamadas de “rendeiras independentes”.

Com o tempo, o trabalho passou a ser dedicado aos enxovais, pois os mesmos são bem mais pagos e procurados por uma clientela oriunda de todas as partes do Brasil e do exterior. Por isso, ao garantir qualidade e profissionalização, via organização de cursos, associação, além do incremento da empregabilidade voltada para o artesão rendeiro, houve também uma busca por certificações que conferissem mais visibilidade, proteção e exclusividade.

Dessa forma, foi aprovada junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), no final de 2012, a Indicação Geográfica (IG) da Renda Irlandesa produzida no município de Divina Pastora em Sergipe. O certificado foi entregue em cerimônia realizada no Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, na noite de 11 de abril de 2013, com a presença de autoridades políticas sergipanas e representantes da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (Asderen)<sup>25</sup>.

Segundo a definição legal do artigo 177 do CPI<sup>26</sup>, “considera-se indicação de procedência o nome geográfico de país, cidade,

<sup>22</sup> MARIA RUTE. Entrevista III [jan.2014]. Entrevistador: J.C.M. Divina Pastora, 2014.

<sup>23</sup> MARIA RUTE. Entrevista III [jan.2014]. Entrevistador: J.C.M. Divina Pastora, 2014.

<sup>24</sup> DOROTÉIA, Maria Eugênia dos Santos. Entrevista IV [jan.2014]. Entrevistador: J.C.M. Divina Pastora, 2014.

<sup>25</sup> ARTESÃS ESTÃO ORGULHOSAS com a Indicação Geográfica. *Ecofinanças* - Economia e Finanças – Notícias (12/04/2013). Disponível em: <http://www.ecofinancas.com/noticias/artesas-estao-orgulhosas-indicacao-geografica>, Acesso em: 13/05/2014.

<sup>26</sup> Código de Propriedade Industrial (Lei 9.279/96).

região ou localidade de seu território, que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço". Já a denominação de origem, disciplinada no artigo 178 do CPI é "o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos"<sup>27</sup>.

A posse do certificado de IG confere ao grupo a procedência e a qualidade dos produtos, agregando valor e credibilidade ao artesanato de Divina Pastora. Mas foi longo o caminho trilhado, remontando ao ano de 2008, quando a Asderen solicitou o reconhecimento ao Sebrae-SE, e desenvolveram-se várias atividades para sensibilização das artesãs e gestores públicos, alterações no Estatuto da Associação, pesquisa histórica da técnica da renda irlandesa e a elaboração de normas sobre o processo de confecção das peças.

Há algum tempo, os museus sergipanos têm incluído a renda irlandesa como elemento expositivo, quer em exposições de longa duração (com as peças de rendas integrando seu acervo via doações) ou de curta duração, quando as rendeiras se colocam ao lado das peças e são protagonistas de suas histórias de ofício ao transmitir as informações do artesanato que produzem aos visitantes das instituições culturais.

Figura 5 – Renda Irlandesa, formato porta-bandeja, no Museu do Homem Sergipano em Aracaju.



Fonte: Foto E.P.S.S (2011)

Ressalta-se ainda que o interesse da área museológica pelo artesanato de renda irlandesa em Sergipe tem atuado também na promoção de várias oficinas de gestão da produção, da comercialização, formação de preço e

<sup>27</sup> LEMOS, Ronaldo. *Propriedade Intelectual* (Caderno de Direito). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011, p. 149.

capital de giro junto às comunidades, além da produção de exposições e mostras, viabilizadas pelo Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (PROMOART), desenvolvido pela Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro (ACAMUFEC) em parceria com o Ministério da Cultura e o curso de graduação em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)<sup>28</sup>.

### **Entre fios, rendas e histórias de vida em Laranjeiras-SE**

Em Laranjeiras a produção da renda irlandesa caracteriza-se principalmente na confecção de marca textos, boleros, blusas, panos de bandeja, colares e acessórios para o cabelo. Mas as artesãs locais vivem um contexto distinto da realidade do artesanato já reconhecido e consolidado em Divina Pastora.

Laranjeiras é qualificada como uma “cidade-patrimônio” com antigos casarões oriundos dos tempos da presença portuguesa em Sergipe, quando por volta do século XVIII e XIX a economia canavieira e a escravidão africana movimentavam a economia local. O município também possui diversificadas manifestações culturais imateriais formadas por 22 grupos folclóricos como a Taieira, a Chegança, o Cacumbi, os Reisados, o São Gonçalo, o Samba de Pareia, o Samba de Coco, os Guerreiros, o Lambe-sujo e Caboclinhos, entre outros concedendo-lhe a carinhosa alcunha de “Capital da cultura popular”<sup>29</sup>.

A vida cultural do município foi reaquecida na década de 1970 por diversas ações públicas voltadas a preservação do patrimônio cultural (com maior ênfase no arquitetônico) combinadas com outras ações de incentivo ao desenvolvimento do turismo local. Perfazendo uma contextualização cronológica: em 1971, a cidade foi tombada, recebendo o título de Cidade Histórica de Sergipe, em 1972 foi elaborado o Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio de Laranjeiras, em 1973 foi criada a Casa de Cultura João Ribeiro, em 1974 foi elaborado o Plano Urbanístico da Cidade e em 1976 são criados o Museu Afrobrasileiro de Sergipe – primeiro museu dedicado a essa temática no Brasil – e o Encontro Cultural de Laranjeiras<sup>30</sup>.

Atualmente, Laranjeiras é um município com uma população de aproximadamente 28.533 pessoas distribuídas em uma área de 162,280 km<sup>2</sup>,

---

<sup>28</sup>SANTOS, Josimari Viturino; BEZERRA, Rosely Fernandes. Atuação do PROMOART em Terras Sergipanas: polos Divina Pastora e Poço Redondo. *Revista de Extensão Universitária da UFS*. São Cristóvão-SE, n° 2, pp. 25-32, 2013, p. 27.

<sup>29</sup> Conf. ALENCAR, Aglaé D’Ávila Fontes de. *Danças e Folguedos*. Iniciação ao folclore sergipano. Aracaju: Ed. do Autor, 2003.

<sup>30</sup>VOTORANTIN. *Plano Votorantim de Caracterização do Município de Laranjeiras/SE*. Laranjeiras: Votorantin, 2013.

situada no litoral do Estado, mais precisamente na mesorregião do Leste Sergipano e microrregião do Baixo Cotinguiba<sup>31</sup>.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2008, o artesanato se destaca como uma das principais atividades culturais presentes nos municípios brasileiros. Neste setor, o bordado é a produto artesanal mais representativo, encontrando-se em 75,4% das cidades, seguido das atividades com madeira (39,7%) e artesanato com argila (21,5%)<sup>32</sup>.

Nos últimos anos, duas entidades foram criadas na região do rio Contiguiba: uma pelas bordadeiras (Associação das Costureiras e Artesãs do Bairro Pedra Branca) e outra pelas rendeiras (Cooperativa de Produtoras de Renda Irlandesa de Laranjeiras - COOPELAR).

A COOPELAR, criada em 16 de abril de 2010, conta atualmente com 60 artesãs. A comercialização dos produtos foi impulsionada com a inauguração da Casa do Artesanato José Monteiro Sobral, em março de 2011.

Dentre as rendeiras encontram-se aquelas associadas à cooperativa, mas que também trabalham individualmente com outras artesãs que não participam da COOPELAR. Um exemplo é dona Marinez, de 53 anos, que aprendeu a fazer a renda com 26 anos. Segundo a rendeira:

Eu aprendi com uma moça chamada Adélia, que inclusive mora aqui em Laranjeiras também, quando eu morava lá em Divina Pastora. Aí foi quando eu vim embora que eu perdi o contato com ela e não encontrei mais. Quando a presidente daqui que é a Itelma [da COOPELAR] me convidou e eu vim para aqui e vai fazer quatro anos agora que eu faço renda aqui [no Centro de Artesanato em Laranjeiras] com as colegas. E é um trabalho que eu gosto de fazer. Se eu estou em casa é na renda, se eu estou ali na mesa é na renda, se eu estou sem fazer nada eu vou para a renda, é tipo uma terapia, você se distrai, a gente viaja, vamos para as feiras de Sergipe, a gente conhece as amigas que passa encomendas para a gente fazer e nisso eu me sinto muito bem fazendo esse trabalho<sup>33</sup>.

A divulgação dos trabalhos artesanais fora de Sergipe tem sido tímida, promovida principalmente pelos *stands* da Prefeitura Municipal em feiras de turismo. Todavia, a realização dessas feiras ainda são concentradas e eventuais: nos últimos três anos, cerca de oito eventos de caráter nacional, todos no eixo Sul-Sudeste, contaram com *stands* de Laranjeiras.

<sup>31</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades – Laranjeiras/SE*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280360>>. Acesso em: 05/07/2014.

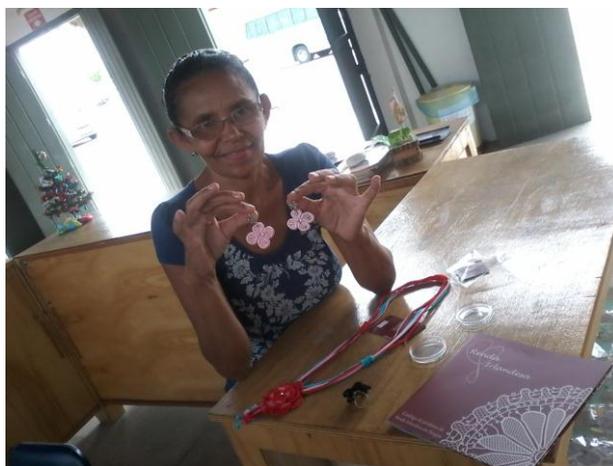
<sup>32</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa de Informações Básicas Municipais*. Perfil dos Municípios Brasileiros – 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

<sup>33</sup> MARINEZ. Entrevista V [jan. 2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

No Centro de Artesanato de Laranjeiras, há um duplo movimento no qual as rendeiras produzem constantemente, podendo os visitantes acompanhar o ofício das mesmas peças comercializadas no espaço. Desse modo, além de promover a sustentabilidade local, torna familiar ao turista/consumidor o modo de fazer da renda irlandesa em Laranjeiras que já ocorre há muitos anos.

Ao ser entrevistada, Dona Ednalva, reconhecida como “Nalva rendeira” afirmou (informação verbal)<sup>34</sup> que também aprendeu o ofício da renda com Dona Adélia e depois passou a ensinar, substituindo sua mestre quando esta se aposentou, ministrando cursos como “Brasil criança cidadã”, “Capacitação cidadã” e outros cursos pela prefeitura de Aracaju. Segundo a rendeira, a maioria das artesãs de Laranjeiras aprendeu com ela.

Figura 6 – Nalva rendeira de Laranjeiras e suas peças pequenas no Centro de Artesanato



Fonte: Foto J.C.M (2015)

A artesã disse (informação verbal)<sup>35</sup> que possuía uma loja mais afastada e a deixou para vir para o Centro de Artesanato o qual considera um ponto excelente pela localização em frente à rodoviária da cidade. No entanto reclama da ausência de sinalização, de uma placa que indique que ali é um Centro de Artesanato, pois muitas pessoas passam pelo casarão sem conhecer a funcionalidade do prédio. Sobre a renovação do ofício, segundo a rendeira:

Geralmente esses jovens de hoje não querem mais trabalhar com isso, eu já convidei vários, dizem vixe, isso aí toma muito meu tempo, isso aí não dá nada não. É um trabalho minucioso, tem que gostar, ter paciência. E outra, nenhuma peça fica igual à outra<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> NALVA. Entrevista VI [jan.2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

<sup>35</sup> NALVA. Entrevista VI [jan.2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

<sup>36</sup> NALVA. Entrevista VI [jan.2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

Nalva relata em entrevista (informação verbal)<sup>37</sup> que antes as rendeiras faziam muitas peças grandes, mas por serem mais caras, demandarem muito material, sendo um trabalho mais difícil e demorado de executar, sentiram a necessidade do consumo impelindo-as à se dedicarem às peças menores que agora ocupam grande parte do balcão de exposição no Centro de Artesanato. Afirma que começou a fazer as peças pequenas porque quando ia às feiras observava as pessoas reclamando do preço e dizendo que queriam algo que pudessem usar e que fosse "mais em conta". Foi então que pediu ao seu filho que lhe auxiliasse nos desenhos que imaginou, iniciando a produção de brincos, anéis, colares, tiaras e porta-celulares. Segundo a rendeira, pessoas de Divina Pastora compraram algumas peças menores em Laranjeiras para reproduzir naquela localidade.

A necessidade do povo era realmente financeira, coisas pequenas que eles tendo fossem levar isso para fulano, isso para ciclano, com custo simbólico que eles possam dar de presente dois, três que saia no preço de um pano de bandeja, por exemplo, e seja diferente<sup>38</sup>.

De acordo com as rendeiras com idade entre quarenta e cinquenta anos, a produção ocorre na cidade há muito tempo, no entanto, nunca foi tão divulgada quanto em Divina Pastora. As cidades ficam próximas, muitas aprenderam com mulheres das regiões entre os municípios, sendo que para Divina Pastora se direcionaram pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas, que com informações e resultados consolidados, comprovaram as marcas de origem e continuidade da produção da renda no local, recebendo com isso o apoio logístico do Sebrae, IPHAN e INPI. Laranjeiras, por outro lado, só muito recentemente tem despertado o olhar dos pesquisadores universitários, através do curso de graduação em Museologia da UFS.

Figura 7 – Rendeira de Laranjeiras em seu ofício



Fonte: Foto E.P.S.S (2011)

<sup>37</sup> NALVA. Entrevista VI [jan.2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

<sup>38</sup> NALVA. Entrevista VI [jan.2015]. Entrevistador: J.C.M. Laranjeiras, 2015.

A prática dos bordados e das rendas provém de vários povos, que apresentando aspectos simples e suntuosos, vão ultrapassando a estética do risco básico para o manejo requintado. Foi a partir do século VII, que a utilização dessa produção artesanal se intensificou, ganhando o gosto da nobreza. Muitas destas práticas foram utilizadas para sofisticados enxovais de famílias, quer em seus casamentos, quer na espera dos bebês.

Por isso, notadamente, observa-se que o artesanato assim focalizado, a partir do seu processo, revela que não é apenas um produto de uso, mas uma forma de arte que encerra um sistema complexo – uma rede de saberes –, indo além de sua função utilitária ou decorativa, representando uma das formas de materialização da memória de um povo<sup>39</sup>.

Na sociedade contemporânea, em alguns casos, o fazer das rendeiras pode ser a continuidade de uma prática secular, enquanto em outros pode ser a retomada de uma atividade que se interrompeu e voltou a ser exercida devido a incentivos resultantes de políticas públicas em diferentes níveis e com objetivos diversos, atendendo a novos mercados<sup>40</sup>.

Figura 8 – Cotidiano familiar na produção de renda irlandesa no Centro de Artesanato de Laranjeiras



Fonte: Foto E.P.S.S (2011)

A Cultura passa a ser vista, nesta perspectiva, como o universo da criação, da transmissão, da apropriação e da interpretação dos bens culturais imateriais e das relações que se estabelecem. Com relação as preocupações e perspectivas que permeiam a salvaguarda da imaterialidade, afirma Marcos Ferreira Santos que:

<sup>39</sup> SANTOS, Fabrícia de Oliveira. *Catálogo de artesãos de Poço Redondo*. Aracaju: Instituto Xingó/ CHESF/SUDENE/MCT/CNPq/ Unidades de Projeto Arqueologia e Patrimônio Histórico/ CENDOP, 2001, p. 17.

<sup>40</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Rendeiras de Poço Redondo: vida e arte de mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco*. Aracaju: Instituto Xingó, Arqueologia e Patrimônio Histórico/Cendop (Caderno 3), 2006, p. 30.

[...] fica a preocupação em como conservar, como difundir, como preservar essa cultura que é imaterial. Ela somente continua - e eu somente tenho acesso a ela - enquanto ela se produz, ou ainda, através de algumas outras formas de registros de como ela se produz, em seu próprio processo<sup>41</sup>.

Compreendendo a renda enquanto um legado cultural, chama-se a atenção para a preservação e visibilidade destes fazeres, mas para que isso se realize é necessária uma ampla divulgação, comercializando-a em outros estados, concomitantemente apresentando a sua devida importância histórica e procedência, para que haja uma apropriação não somente das pessoas do município que as fabricam, mas que seja conhecida, utilizada e consumida por um público maior.

A respeito dos usos dos símbolos que os seres humanos fazem da patrimonialização, disse José Reginaldo Santos Gonçalves: "O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir"<sup>42</sup>.

Sob esse aspecto ações que promovam a sustentabilidade econômica de uma comunidade com a valorização cultural e comercialização de seu artesanato não tem por objetivo descaracterizar o modo de fazer tradicional<sup>43</sup>, mas antes, conferir maior visibilidade ao mesmo, com estratégias/políticas públicas de salvaguarda e incremento na continuidade de sua transmissão de mãe para filha.

Em 2014 o Iphan-Se publicou o "Catálogo de Produtos de Renda Irlandesa em Sergipe" com 40 páginas das quais constam um breve histórico do ofício escrito por Terezinha Alves de Oliva (Superintendente do Iphan-SE) e Marina Zacchi, com fotografias das peças de renda apresentadas nas sessões: "Cama, Mesa e Banho", "Vestuário", "Acessórios", "Enxovais para Bebê", "Cartela de Cores do Lacê", "Renda Colorida", "Alguns tipos de pontos", "A Versatilidade da Renda" e "Contatos para comercialização". Esse material contou com a colaboração de distintos núcleos produtores da renda em Sergipe, à saber: a Asderen, a Pluriatividade Pastoreense (APRIC), a COOPELAR, o Centro de Atividades e Desenvolvimento do Povoado Estiva (CADE) e a Associação de Renda Irlandesa, arte e talentos de Maruim (ARIATAM).

<sup>41</sup> SANTOS, Marcos Ferreira. *Cultura Imaterial e Processos Simbólicos*. São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 14: 139-151, 2004, p. 141.

<sup>42</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. pp. 21-29. Rio de Janeiro: DPCA, 2003, p. 27.

<sup>43</sup> REIS, Ana Carla Fonseca. *Economia da Cultura e desenvolvimento sustentável*. O caleidoscópio da cultura. Barueri/SP: Manole, 2007, p. 256.

## Considerações Finais

A renda irlandesa tem um papel fundamental nas identidades locais, tanto do município de Divina Pastora quanto de Laranjeiras. Isto posto que reconhecer-se como artesã de uma cultura imaterial tradicional remonta religar-se ao passado cultural sem perder, entretanto, a noção das necessidades econômicas do presente.

O passado constantemente reelaborado, resignificado e reinterpretado na contemporaneidade implica em questões de origem, mas também na salvaguarda de um "modo de fazer" singular em tempos de acentuada globalização e homogeneização de peças para um consumo mais amplo.

As mulheres de Divina Pastora e de Laranjeiras, quer senhorinhas ou moças, no processo de confecção de seus bordados, usos de lacês, pontos tradicionais ou novos, cantos e conversas cotidianas reescrevem suas histórias de vida e histórias de ofício à cada novo risco delineado.

O artigo aqui apresentado ressalta duas necessidades práticas e teóricas relativas às artesãs da renda irlandesa em Sergipe: primeiro, a urgência de um procedimento metodológico que registre o processo de obtenção da IG, conferida em 2013, à Divina Pastora. É imprescindível historicizar os passos realizados, evidenciar os atores participantes e avaliar os benefícios do certificado de qualidade do INPI para a produção local, debatendo ainda a influência deste na identidade estética-artística. Segundo, promover a instrumentalização dos grupos artesãos para a solicitação de IG's para as demais localidades produtoras de renda irlandesa no estado, tomando como exemplo o que já ocorre na França onde várias localidades possuem IG's adequadas às especificidades da produção de vinho, historicizando cada procedimento, em cada localidade.

## Sobre as autoras

Janaina Cardoso de Mello é pós-doutoranda em Estudos Culturais (PAAC-UFRJ), doutoranda em Ciência da Propriedade Intelectual (PPGPI-UFS), doutora em História Social (PPGHIS-UFRJ) e Professora Adjunta do curso de Graduação em Museologia (UFS) e dos Programas de Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq).

Estefanni Patricia Santos Silva é Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq).

*Artigo recebido em 10 de julho de 2014.*

*Aprovado em 09 de dezembro de 2014.*